

O MUNDO SEM MUROS E A ESCOLA SEM PORTAS

O MOVE é um movimento informal de estudantes que nasceu dentro ISA em 2006, criado pela necessidade de mudar a vida na Escola derrubando muros que nos limitam dentro dela; muros que se interpõem entre ela e o mundo onde vivemos, o qual queremos construir e decidir.

O MOVE é assim um movimento aberto à participação de todos (alunos, professores, funcionários, ...) os que queiram connosco pensar e construir a Escola. Porque acredita que é possível outra vida na Escola. Porque vê na Escola um espaço onde nascem e se discutem novas ideias. Porque espera da Escola mais do que uma rotina onde se aprende e ensina. Porque sabe que é possível juntar pessoas para fazer de outras formas. Porque recusa a "inevitabilidade" de uma Escola onde a tecnocracia vence a vida.

Com o nosso pouco tempo de existência já muitas coisas organizámos que no passado recente nos pareciam impossíveis: juntar diversas pessoas de formas diferentes e por motivos diferentes, organizando debates com os mais diversos temas, festas, reuniões, manifestações; e construindo jornais, cartazes, panfletos, entre outras coisas. Apesar de tudo isto, temos a consciência e a humildade para saber que ainda está quase tudo por mudar e que nem

sempre demos as melhores respostas às mais diversas situações, mas este é um caminho que se faz juntando pessoas e procurando com elas as melhores alternativas. Queremos procurá-las conosco?

Queremos uma Escola sem barreiras, sem muros no pensar, queremos a liberdade, a diversidade e a democracia. Exigimos fazer parte da escola e recusamos ser apenas uma matéria prima a transformar para responder às ditas necessidades do "mercado", a tal coisa que apregoam conseguir regular tudo, e que é o mote para a "selva" em que vivemos hoje, onde a desigualdade e a injustiça prosperam. Queremos uma Escola pública, onde todos encontrem as portas abertas, ou melhor uma Escola sem portas... Queremos todos fazer parte, construir e decidir a Escola todos os dias. Sabemos que muitos dos problemas que combatemos dentro da Escola são o reflexo (e muitas vezes a causa) do que se passa no resto da sociedade. Assim, as nossas lutas são múltiplas, porque sabemos que a mudança só nascerá da união entre pessoas que vivem as mais diversas realidades mas que partilham problemas comuns, porque nada existe isolado. E por estes motivos este pequeno jornal fala de temas tão diversos que precisam de chegar às mais diversas pessoas que fazem parte (ou não) do espaço Escola.

BEM VINDO! TIRA O SAPATO! VESTE AS CALÇAS DO AVESSO! VEM DAÍ E OBEDECE!

Começa mais um ano lectivo, com ele vêm os trajes e a "brincadeira" do rei manda. "Não faz mal, é para integrar!", é este altruísmo bolorento que habitualmente serve de base à prática da praxe. Com ele, vai-se arrebanhando a "caloirada", vai-se subjugando quem acaba de chegar a vontades aleatórias de quem tem mais matrículas. Isto em nome de uma "tradição" inventada, que vai repetindo hinos pouco originais [por esta altura já por aí se canta sobre sexo e orgia], que se vai trajando de tiques sexistas, homofóbicos, acéfalos.

Não somos contra à praxe porque a praxe é violenta. Somos

contra a praxe porque a praxe violenta. Violenta as liberdades, violenta a escolha, violenta quem acaba de chegar e não tem de ser obrigado a dizer "não". Não queremos uma integração baseada nestas premissas. Queremos dizer "olá" de igual para igual. De pessoa para pessoa, não de veterano para caloiro. Queremos fazer contigo e não dizer-te o que tens de fazer.

Por isso não praxamos, por isso não trajamos, por isso não cantamos na tuna, por isso dizemos que aqui encontras pessoas iguais a ti com quem podes fazer coisas. Almoçar na cantina [com talheres], reunir [com as calças da forma que te apetecer usar], discutir ideias [que não te obrigamos a reproduzir], construir uma escola livre, sem muros, com opiniões e diversidade.

Vem daí e faz connosco.

Vem **discutir** estes temas num **piquenique** que estamos a organizar para o dia **15 de Outubro** às **14h30** naquele triângulo de relva perto da cantina.

Vais perceber onde é porque vai haver **música** de **Pedro e Diana** (<http://www.myspace.com/sethmaldito>), e outras animações.

Se estiver a chover nesse dia temos que alterar o local de encontro e em princípio vamos ocupar a cantina (à altura da impressão deste jornal a previsão meteorológica era de Sol).

Falta dizer que para **apresentar** estes temas vamos ter **personal convidado** e vai ser tudo muito informal.

jornal
movimento

IMOVE-SE
MOVIMENTO
ABERTO
POR OUTRA
VIDA NA
ESCOLA

Outubro de 2008

A EDUCAÇÃO NÃO SE PAGA!

Foi nos anos 90 quando ainda éramos uns miúdos que o Cavaco, na altura primeiro ministro, implementou a primeira propina, era “apenas” o equivalente ao ordenado mínimo (pois até esse tempo não se pagava para estudar na universidade), os estudantes desse tempo, jovens como nós, lutaram contra as propinas (adiando-as uns anos) pois defendiam e bem que isso era o início da privatização do Ensino Superior.

Para muitos de nós que ainda estudamos neste Instituto a propina de 300€ foi a que pagámos quando chegámos aqui. Foi no ano de 2003 sobre a ordem da falsa “modernização” das universidades que se implantou a propina que hoje alcança 972,14€, também nessa altura lutámos e também nessa altura éramos nós, os estudantes, que tínhamos razão. Depois veio Bolonha onde falsamente se transforma as licenciaturas em mestrados, ou seja, um curso que se tirava em 5 anos, sempre com a mesma propina, tira-se agora em 3+2 anos, onde os 3 não servirão para trabalhar e os 2 de mestrado serão pagos a preço de ouro (se ainda não estão, não se perde pela demora...), para fazer Engenheiros, Arquitectos e Biólogos de primeira e outros de segunda. Por fim em 2007 veio o RJIES, o novo regime jurídico do Ensino Superior, que nos tirou dos órgãos de decisão universitários e para nos substituir foram chamar os seus amigos empresários (como se eles soubessem mais do que os que vivem a Escola) que vêm determinar, roubar e lucrar com o nosso conhecimento. Foram anos e anos de mentiras e continuarão a ser até não restar mais nada do que seja público, pois só quando as universidades forem todas privadas, só quando todas as salas tiverem nomes de empresas, só quando se despedirem todos os professores que se oponham a esta injustiça, só quando apenas os ricos possam estudar aqui, é que eles vão parar.

DAQUI A UNS ANOS SERÁS AINDA MAIS PRECÁRIO

Estás a tirar o teu curso depois de teres passado por várias barreiras como os exames nacionais, médias de entrada na faculdade, etc.. isto tudo para daqui a uns anos (3 ou 5) saíres da faculdade e ires trabalhar. Imaginas já uma vida estável a trabalhar na tua área a receber um ordenado, sair da alçada dos pais, um contrato permanente que te permita estar empregado sem estar a pensar que podes ser despedido passado pouco tempo. Infelizmente não é isto que acontece hoje em dia, há já alguns anos que entrou também no dicionário e na vida dos recém-licenciados a palavra ‘precariedade’. Precariedade significa instabilidade, significa que não há direitos nem regras no trabalho, significa que ordenado, férias, horas mínimas de trabalho, contratos permanentes, são regalias e não coisas asseguradas. Sabias que hoje 70% dos licenciados não têm emprego no primeiro ano após a sua formação, e que 30% destes estão mesmo desempregados? E trabalhar sem receber? Daqui a pouco tempo será aprovada uma lei que permite que o período de experiência do trabalho possa durar até 6 meses sem receber! E contratos definitivos? Isto era antigamente, agora, para ser moderno, há os contratos com termo, ou seja, acabam passado um prazo determinado e ao fim daquele período vais procurar outra vez emprego, sem receber qualquer ajuda no espaço de procura. Entretanto podes safar-te a fazer uns biscates a recibos verdes num call-center ou numa loja contratado por uma Empresa de Trabalho Temporário (ETT) que fica com metade do teu salário. E este já é grande, a média ronda os 3€ por hora. Isto também já acontece com muitos trabalhadores estudantes que antes de sair da faculdade já sentem a precariedade na vida quando trabalham num call center ou noutra sítio a receber uns guitos e a ‘paga’ às ETTs para ajudar a financiar um curso que é cada vez mais caro pois as propinas não deixam de aumentar e precarizar as famílias que as pagam.

Não é para te sentires derrotado com isto mas é para ficares atento. Os estudantes têm de sair do seu mundinho idealizado da faculdade e perceber o que se passará lá fora quando acabarem o curso. Depois, com a força de muitas pessoas podemos começar a pensar em mudar esse mundo.

